

SEXUALIDADE NA INFÂNCIA: FAMÍLIA, INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL E PROFESSORES

Katiane Aparecida da SILVA¹
Georgea Suppo Prado VEIGA²

RESUMO

A sexualidade é um tema pouco discutido entre os integrantes das instituições de educação infantil. A sexualidade está presente na vida da criança logo ao nascer, em suas experiências de amamentação com a mãe (KUPFER, 2007) e se desenvolve ao longo do crescimento. Desta forma este trabalho tem como objetivo identificar as maneiras como as instituições de Educação Infantil devem abordar o tema sexualidade que faz parte da vida das crianças. Como os profissionais que trabalham com essas crianças devem se preparar para responder aos questionamentos que os pequenos fazem e também como devem conversar com as famílias, pois o tema deve ser trabalhado numa parceria entre instituição de ensino, professores e família. A metodologia utilizada foi revisão da literatura que possibilitou compreender que a sexualidade é parte integral do desenvolvimento da criança e, desta forma, os educadores devem conhecer mais sobre este tema para responder as dúvidas das crianças de acordo com cada faixa etária. Conclui-se que negar respostas às crianças ou repreendê-las é inculcar nelas o receio de voltar ao assunto e alertá-las para a desconfiança, despertando os preconceitos que vivenciamos diariamente no trato com as crianças.

Palavras-chave: Sexualidade. Infância. Professores. Família.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma condição normal de todo ser humano, existente desde a fase infantil. Quando se trata do termo sexualidade, esta ainda é vista como restrita ao sexo, o que não é verdade. A sexualidade infantil é mais ampla e pode estar relacionada à amamentação, ao afeto, carinho, expressões, questionamentos, entre outros. Com a valorização da infância, novos temas foram estudados para serem trabalhados com as crianças, sendo um deles a sexualidade que faz parte do desenvolvimento infantil. As instituições de Educação Infantil devem estar preparadas para abordar o tema, assim como entender determinados comportamentos que as crianças têm.

Os professores precisam compreender o que é sexualidade na educação infantil, informando-se através de formação continuada para melhor abordarem o tema, contribuindo no desenvolvimento natural da criança a respeito da sexualidade. Assim, a instituição de Educação Infantil deve preparar os professores e os pais quando se trata de abordar o tema, pois a escola não compete com a educação sexual oferecida em casa, mas a complementa.

¹Graduada em Pedagogia – Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul, SP, FUNEC, katy.a.s._@hotmail.com

² Docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul/SP – FUNEC, georgeaprado@hotmail.com

Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar o tema sexualidade como uma abordagem normal na Educação Infantil, que precisa ser discutida, para que contribua significativamente no desenvolvimento natural da criança.

2 ENTRE OS TEMAS TRANSVERSAIS, A SEXUALIDADE

Com o reconhecimento da creche como instituição que se preocupa com o bem-estar da criança e auxilia no desenvolvimento motor, intelectual e social, surgem ideias para aprimorar ainda mais essa nova concepção e a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos (BRASIL,1998).

O Referencial Curricular para Educação Infantil, volume 1, evidencia a criança como sujeito cultural e histórico que é participante de uma determinada cultura, sendo um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e desenvolvimento, considerando que:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais (BRASIL,1998, p.21).

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, volume 2 (BRASIL, 1998), constrói-se com a finalidade de propor um parâmetro de como e o que deve ser trabalhado com as crianças, apresentando o tema sexualidade na infância e dando autonomia para o professor desenvolvê-lo em sala.

Dessa forma, as relações educativas estão associadas ao cuidar/ educar, tendo em vista os direitos e as necessidades próprias das crianças no que se refere à alimentação, à saúde, à higiene, à proteção e ao acesso ao conhecimento sistematizado.

Com intuito de formar crianças autônomas e críticas, os temas transversais vêm para contextualizar, por meio da educação escolar, questões importantes a que a criança está submetida no meio social, além da busca para a formação integral do indivíduo (NUNES, SILVA, 2006, p. 62).

O Referencial Curricular para Educação Infantil, volume 3, aborda temas como formação pessoal e social e tem como finalidade servir de guia de reflexão de cunho

educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para profissionais que atuam com crianças de zero a seis anos (BRASIL, 1998).

Na educação infantil não existem temas transversais específicos propostos para se trabalhar em sala de aula, porém, como a sociedade vem se modificando e as crianças estão ocupando seu lugar e adquirindo certo espaço, os professores precisam estar preparados para se depararem com situações complexas a respeito de determinados temas que podem ser abordados pelas crianças como, por exemplo, a educação sexual: “desvelando o real, subvertendo a aparente ordem natural das coisas, as crianças falam não só do seu mundo e de sua ótica de crianças, mas também do mundo do adulto, da sociedade contemporânea”. (BRASIL, 2007, p. 17).

As Instituições precisam considerar que a criança está inserida no mundo dos adultos, então, quando aparecem situações que estão presentes no seu cotidiano, a instituição deve agir de forma natural ao tratar o assunto, trabalhando na formação social, afetiva e intelectual dessa criança (NUNES; SILVA, 2006). Os costumes, valores, hábitos, as práticas sociais e as experiências interferem em suas ações e nos significados que atribuem às coisas e às relações. Diante dessas situações de constantes mudanças na sociedade, nas famílias, nas escolas, ficam evidenciadas essas mudanças nas relações entre crianças, entre crianças e adultos e sua delicada complexidade.

Nesse sentido, uma das propostas discutidas na educação infantil é a sexualidade, considerada como um tema transversal. Ou seja, não é porque são crianças que a sexualidade não existe nessa etapa da vida.

Nessa perspectiva é importante definirmos aqui os termos: educação sexual e sexualidade. Considerando que, popularmente, é normal associar sexualidade a sexo, ou seja, restrito à cópula, já que são termos semelhantes, precisamos esclarecer as diferenças reais que existem entre os dois termos. Segundo Kupfer (2007, p. 39):

[...] a sexualidade é mais ampla que a sexualidade genital, inclui as preliminares do ato sexual, as perversões, as experiências sensuais da criança vividas em relação ao seu próprio corpo ou em contato com o corpo da mãe. A amamentação, nesse sentido, é entendida já como uma experiência sexual, geradora de prazer para a criança que suga e até mesmo para a mãe que a amamenta. Não se veja aí qualquer sinal de perversão no sentido usual do termo, e sim um exercício prazeroso que o contato corporal proporciona.

Quando há alguma manifestação de sexualidade exposta pela criança em sala de aula, muitas vezes esta é pouco compreendida pelos educadores, então ocorrem equívocos com a criança, de omissão até mesmo a aplicação de punições.

As crianças têm curiosidade em saber de onde vêm os bebês, das diferenças sexuais anatômicas do seu corpo em relação ao corpo dos demais colegas, desconhecendo o caráter genital da sexualidade, que será adquirido futuramente.

Nesse sentido, entende-se que toda criança tem sexualidade. Porém, a forma de orientá-la, respondendo aos seus questionamentos, denomina-se de acordo com as propostas dos Parâmetros Curriculares: Educação Sexual.

A conduta do professor em relação à criança vai depender dos princípios que a escola adota. Se for uma escola que aborda o tema “sexualidade” de maneira educativa e esclarecedora, conforme propõem os Parâmetros Curriculares, fica mais fácil agir diante das situações provocadas pela criança, nesse contexto. Do contrário, se for uma escola castradora, a criança crescerá num meio permeado de olhares preconceituosos.

Atualmente, as crianças correm o risco de conviver cotidianamente com cenas de sexo, seja na mídia, em casa ou nas ruas. São constantemente influenciadas à erotização precoce, por meio da imitação de comportamentos como sugerem as músicas, que estimulam a sexualidade e sensualidade. Os pequenos se descobrem como meninas e meninos, querem saber sobre suas diferenças e isso, se não for orientado adequadamente, poderá acarretar problemas futuros, como indicam Lopes e Maia (2001, p.64):

No caso da sexualidade, especificamente, a TV, se traduz em fonte de desinformação sexual, à medida que reforça estereótipos sexistas, promove a estimulação sexual precoce omite e/ou deturpa informações. O excesso de apelo erótico aliado a violência que a TV veicula, pode levar aos problemas futuros na sexualidade, como indiferença ao estupro e a violência em geral, reforço do papel machista e iniciação sexual precoce.

No contexto escolar, muitas vezes os professores acabam por trabalhar a sexualidade de forma implícita, quando manifestam crenças, atitudes, quando reprimem, fortalecem relações ou quando constroem parcerias ou vínculos afetivos (BRASIL, 1997 p.127). Este trabalho, não intencional, exemplificando, acontece quando o professor limita a criança sobre o que é para menino ou o que é para menina. Quando evidenciam em suas falas o que pode e não pode ser tocado em seu corpo, de que maneira pode ou não se aproximar de pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo. Assim, o educador de forma não direta estabelece padrões e normas que possibilitam ou não o desenvolvimento sexual.

No cotidiano da criança pequena, são necessárias ações que podem evidenciar segurança e afeto, como por exemplo, uma troca de fraldas. Isso exige toque, falas, colo, mãos macias e roupa limpa. Assim, a criança percebe que está sendo amada e valorizada.

É necessário que durante a fase infantil, a acomodação e alienação de não abordarem o tema sejam quebrados. Não é um trabalho fácil e exige apoio dos familiares e da comunidade.

A criança necessita das respostas para suas dúvidas e é necessário que as respostas sejam de acordo com sua faixa etária. Orth (1971, p. 44). afirma que:

[...] negar-lhe respostas, iludi-la ou repreendê-la por causa disso é incutir na criança receio de voltar ao assunto e alertá-la para a desconfiança. Passará a desconfiar que o assunto não é bem-vindo, entre os adultos, que deve haver algo de errado nesta parte do corpo, que precisará informar-se com os colegas para saber a verdade.

Em se tratando de sexualidade, nessa faixa etária, se faz necessária a abordagem de temas que gerem discursos sobre o assunto. Situações que evidenciem o conflito entre as crianças, com os adultos e com elas próprias. Os profissionais responsáveis precisam responder claramente a essas questões e trabalhá-las em sala de aula utilizando uma linguagem própria e acessível (ORTH, 1971, p.44).

É responsabilidade da instituição de Educação Infantil trabalhar o tema sexualidade em sala de aula, auxiliando os professores e em parceria com os pais e toda equipe que constitui a escola.

3 O PAPEL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL FRENTE À SEXUALIDADE

Como já visto, as crianças possuem sentimentos, pensamentos e expressões voltados para a sexualidade. Em contato com a vivência fora do âmbito familiar, a criança passa a estar com outros adultos e crianças, observando outro meio social que a cerca. As creches são, geralmente, o segundo ambiente social o qual a criança frequenta e é neste meio que ela desenvolve maturidade e relaciona-se socialmente com outras pessoas.

[...] Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias (BRASIL, 1998, p.11).

É na creche que elas vão se desenvolver, aprender, brincar e comunicar. É também nesta instituição que as crianças devem receber Educação Sexual. Porém, em se tratando de crianças, a educação sexual tem que ser abordada de maneira diferente, não diretamente como com adultos e adolescentes, mas com ações pedagógicas apoiadas pelos familiares e pela instituição de ensino. Naturalizando situações que hoje ainda se acredita que não podem acontecer dentro das instituições, como por exemplo, o banho coletivo, o que levaria a criança a perceber o outro de forma natural.

A instituição deve preparar-se para situações como: beijos, exploração do próprio corpo e também do corpo dos colegas e curiosidades sexuais. É necessário que o educador

entenda essas situações, pautando-se em princípios que use para outros comportamentos inadequados em sala, ou seja, deve demonstrar que a escola é um lugar onde se deve respeitar a vontade dos outros e que os alunos estão ali para aprender, brincar, etc. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

A reação dos adultos às explorações da criança de seu próprio corpo e aos jogos sexuais com outras crianças lhe fornece parâmetros sobre o modo como é vista a sua busca de prazer. Esse contexto influencia seus comportamentos atuais e a composição de sua vida psíquica. A recepção dos adultos a suas explorações ou perguntas ligadas à sexualidade podem suscitar diferentes reações, desde atitudes de provocação e exibicionismo até atitudes de extremo retraimento e culpa (BRASIL, 1998, v.2, p.18).

É obrigação da instituição, por meio do seu plano de trabalho, preparar os professores, principalmente da educação infantil, para uma melhor posição diante de situações que envolvam a sexualidade, orientando, estabelecendo medidas de repreensão, de modo que isso não vá prejudicar a criança, nem envergonhá-la ou reprimi-lá a ponto de lesar seu desenvolvimento natural relacionado à sexualidade.

As escolas de educação infantil devem trabalhar a educação sexual no sentido pedagógico, sendo um processo intencional, metodológico e funcional, com a finalidade de que as ações educativas se realizem.

A sexualidade será sempre um processo de construção individual, sujeito a dúvidas, hesitações e tomadas de decisões, onde a escola deve intervir de modo que não prejudique o indivíduo, sendo um tema trabalhado dentro do limite da ação, levando o aluno a compreender o que deve ser compartilhado em grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal (BRASIL, 1997, p. 121).

É necessária a urgência em inserir nas escolas e nas formações dos professores estudos sobre sexualidade, deixando de ser locais de opressão e repressão somente, tornando-se ambientes seguros, livres e educativos, nos quais a criança se sinta confortável para esclarecimento de dúvidas a respeito dos seus anseios sexuais.

4 A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NESSE CONTEXTO

A sexualidade é um tema presente nas instituições escolares e também nas creches, porém, o trabalho a ser desenvolvido com os pequenos é diferente se comparado aos jovens e adolescentes, já que na construção cognitiva da criança ainda não se atribuem significados a

suas práticas da exploração corporal ou as suas dúvidas relacionadas ao que vê ou ao que sente em relação a si mesmo ou ao outro.

O professor deve estar preparado para trabalhar com a sexualidade em sala de aula, porém, deve obter conhecimentos, participando de cursos sobre sexualidade humana e trabalhando questões íntimas que estejam atrapalhando sua atuação como educador sexual (ARCARI, 2001, p.16), desta forma é fácil resolver situações que as crianças provocam a respeito da sexualidade. O Guia de Orientação sexual deixa claro que:

É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual (BRASIL, 1997, p. 123).

A orientação sexual gera grandes problemas, principalmente quando é destinada a crianças pequenas, pois devem ser orientados a criança e os pais. Por isso, os educadores devem estar preparados, segundo a autora Sayão (1997, p.115):

[...] o trabalho em orientação sexual deve ser iniciado com um profissional que se sentir disponível para tal, requisito necessário, mas não suficiente. Não há necessidade de habilitação desse profissional na área biologia, uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-os com respeito. [...] O fundamental para a preparação do profissional da educação em orientação sexual é a sua formação em temas afins à sexualidade. O educador interessado deve entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas e suas diversas abordagens, assim como ter acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado.

Desenvolver trabalhos destinados à orientação sexual infantil exige muito do professor, principalmente porque o docente deve ter um conhecimento abrangente sobre o porquê a criança está agindo de determinada forma, se está sendo influenciada pelo que vê ou pelo que ouve, daí a exigência de um profissional competente. Segundo Bicudo e Silva Junior (1999, p.24):

Profissionalismo exige compreensão das questões envolvidas no trabalho, competência para identificá-las e resolve-las, autonomia e responsabilidade pelas ações feitas e decisões tomadas. Requer, também, que o professor saiba avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua e interagir cooperativamente com a comunidade profissional a que pertence. Além disso, ele precisa ter competência para construir e desenvolver um currículo, identificar as diferentes opções e adotar a que considere melhor, elaborar coletivamente o projeto educativo e pedagógico para a escola. Essa

perspectiva traz para a formação a concepção de competência profissional, segundo a que a referência principal, o ponto de partida e de chegada da formação é a atuação profissional do professor.

Todo o saber do professor destinado à orientação sexual das crianças vai depender do seu conhecimento sobre o assunto. A partir das teorias, o docente tomará as decisões adequadas. É neste contexto de saber lidar com as situações que podemos destacar a boa formação, pois o docente saberá o que fazer, não se limitando ao senso comum, baseando-se em teorias que proporcionam uma prática eficaz.

O professor está destinado a uma formação contínua e deve ser parte integrante do exercício profissional do docente, dentro dessa perspectivas devemos destacar que há necessidade de transformar o modo como se dão os diferentes momentos da formação de professores (formação inicial e formação continuada).

Mesmo com todo conhecimento abordado dentro de instituições, isso não se faz suficiente para qualificar um bom professor capacitado para exercer sua função. Assim, diz Nóvoa (1995, p.25):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência.

Além da formação do docente, a escola deve proporcionar abertura para que o professor possa atuar. O trabalho de orientar as crianças sobre sexualidade não se faz de forma isolada, deve acontecer em conjunto com a gestão escolar e com os pais dos alunos.

4.1 Postura do professor diante das perguntas dos alunos

Perguntar faz parte do universo da criança e é comum questionamentos relacionados à sexualidade. Arcari (2001) escreve sobre os interesses e perguntas mais frequentes de cada fase das crianças:

A criança de 0 a 18 meses, experimenta sensações através da região oral: sugar, mamar, chupar o dedo, levar as coisas à boca;

Reconhece e brinca com o corpo, explorando as possibilidades;

Brinca com os genitais durante o banho ou durante a troca de fraldas (descoberta sexual).

A criança de 18 meses a 3 anos, costuma questionar: Porque o pipi do papai é maior? Por que mamãe tem cabelinho na perereca? O que são esses saquinho? Por que mamãe não tem pipi?

A criança entre 3 a 6 anos questiona sobre a origem dos bebês. De onde eu vim? De onde vêm os bebês? Por onde os bebês nascem? Como os bebês são feitos? Por que o piu-piu fica duro?

Diante desses questionamentos, o professor precisa esclarecer as dúvidas dos alunos com clareza. “Se não há possibilidade de resposta imediata, não esqueça de voltar ao assunto e responder posteriormente com honestidade e informações completas (ARCARI, 2001, p.17)”, porém, se possível, responder imediatamente “pois toda demora ou postergação (“quando for grande, você vai fazer”, etc.) produz na criança a sensação de recusa. Estranhará que todas as outras perguntas recebam resposta imediata. Só que essa não” (ORTH,1971, p.43).

Sabendo que hoje em dia as perguntas surgem mais cedo do que pensamos (ORTH,1971, p.44), as respostas devem ser adequadas à faixa etária das crianças, nenhum assunto deve ser proibido.

Quando a criança não faz perguntas, o professor pode provocá-las aproveitando situações, como descreve Orth (1971, p.44):

[...] Será necessário provocá-las ou aproveitar as circunstâncias- nova gravidez da mamãe, da vizinha, da titia- para aguçar-lhe a curiosidade. Nestes casos não bastam frases genéricas e abstratas, como “Você vai ter um novo irmãozinho” ou “mamãe vai comprar um irmãozinho”. Estas frases não servem porque encerram conceitos (e acresce que conceito de comprar é empregado de forma equívoca). A criança só aprende por fatos ou situações, isto é, por experiência.

Arcari (2011) sugere algumas metodologias para trabalhar sexualidade na educação infantil como:

- Bonecos sexuados para mostrar a afetividade e os processos biológicos da relação sexual;
- Fantoques para representar histórias;
- Desenhos das partes do corpo, recorte e colagem do desenvolvimento do bebê na barriga da mãe;
- Jogos e brincadeiras;
- Massa de modelar, para modelar partes do corpo;
- Livros de história.

Os professores devem saber mediar situações que as crianças provocam, utilizando as metodologias para solucionar os problemas, provocações e curiosidades das crianças relacionados à sexualidade.

5 AS FAMÍLIAS, A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A SEXUALIDADE

De fato, consideramos a família como a primeira visualização de socialização por parte da criança. É nesse meio que a criança receberá normas, padrões, regras e orientação sexual.

A sexualidade é construída, basicamente, a partir das primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou quem cuida dele. Seguem-se as relações com família, amigos e as influências do meio cultural.

As crianças surpreendem a cada momento com diferentes questionamentos e, muitas vezes, os adultos se vêem perdidos para responder algumas perguntas. Quando se tratam de dúvidas relacionadas à sexualidade os pais se bloqueiam, como se fosse uma questão imoral e errônea a se tratar com crianças pequenas. De acordo com Bernadi (1985, p.25), “mesmo os pais mais compreensivos, indulgentes e com uma visão aberta, tornam-se surpreendentes, autoritários, quando se trata da sexualidade”.

É necessário que pais e filhos criem um diálogo aberto. Conhecendo um pouco mais as crianças, haverá uma melhor compreensão para certas situações em que os filhos questionam os pais. Assim diz Ferreira (2005, p.10):

[...] Temos que aprender na própria convivência com os filhos. Só conseguimos uma boa relação quando tentamos compreendê-los. Compreendê-los é procurar ver como eles se sentem no dia-a-dia e o que pensam em relação à vida. Isso é possível quando nos abrimos para ouvi-los e enxergá-los, respeitando a maneira de cada um deles.

Compreendendo a criança, os pais vão descobrir o melhor caminho para esclarecer as dúvidas e estabelecer limites, sem que os pequenos se sintam reprimidos ou como se assuntos relacionados a determinadas partes de seus corpos fossem estritamente proibidos dentro da família ou em qualquer outro ambiente.

É com os familiares que as crianças aprendem valores relacionados à questão da sexualidade, têm sua primeira noção de educação sexual e são transmitidos valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam (BRASIL,1997), pois é neste primeiro meio de socialização que os pais criam suas próprias regras de convivência e de educação dos filhos. Tratando-se de um tema amplo, a sexualidade pode envolver tanto a família quanto a escola.

A escola deve se posicionar de forma positiva para lidar com a sexualidade, estando aberta e bem preparada para explorar os limites de expressões sexuais desenvolvidos pelas crianças. Segundo o Guia de Orientação Sexual.

Sendo a sexualidade algo de que se constrói e aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir da alfabetização ao desempenho escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação de professores para dar conta da tarefa (GTPOS; ABIA; ECOS, 1994, p.7).

A orientação sexual trabalhada na instituição de educação infantil abrange diversos aspectos como: afetividade, saúde, relações interpessoais, imagem corporal e relações de gênero e enfoca dimensões fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais da sexualidade através do desenvolvimento das áreas cognitiva, afetiva e comportamental. A escola precisa trabalhar a sexualidade com apoio dos professores, juntamente com a família.

Os professores deverão mediar situações conflituosas pelas quais as crianças passam. Por isso, é necessária uma boa formação e um trabalho conjunto entre professores e gestão que possa atender as necessidades dos alunos, além de envolver a família que deve saber o que acontece com seus filhos no que se relaciona ao ensino de valores.

As crianças passam por fases de desenvolvimento constantes e, quando se trata de sexualidade, ocorre da mesma forma. Orth (1971) descreve sobre as três primeiras fases pelas quais as crianças passam.

A fase oral é a primeira manifestação do organismo em que se manifesta a sensação hedônica. É através da boca que o bebê entra em contato com a mãe, o alimento, o meio ambiente. Durante o primeiro ano de vida, o lactante, isto é, a criança que se alimenta exclusiva ou, principalmente, de leite, necessita chupar e deve chupar. Esta etapa termina por volta do primeiro ano de vida quando então entram a chupeta, a mamadeira e etc. A fase anal chega com a idade de um ano e a sensação hedônica vai localizar-se no outro extremo do aparelho digestivo, o ânus. Neste período a criança obtém a maior parte de seu prazer de suas funções excretoras. Não se trata de sensação de bem estar experimentada após a defecação, mas da excitação produzida pela passagem dos excrementos. A fase genital trata da curiosidade sexual infantil e sua manifestação.

A gestão deve sempre elaborar um trabalho com os pais ou responsáveis sobre educação sexual, para que a parceria escola-família possa estar em harmonia para a realização dos objetivos. Propor roda de conversas com os docentes para levantar as manifestações sexuais das crianças, compartilhando maneiras de como lidar com essas situações de forma adequada, também são ações que a gestão deve propiciar dentro da escola.

O trabalho de orientação sexual nas escolas, “não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa” (BRASIL,1997, p.121). É um processo formal que exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. Auxiliar as

crianças sobre “o que pode ou não pode ser compartilhado em grupo, ou o que deve ser mantido como vivência pessoal é dever da família e também da escola sendo uma ação conjunta” (BRASIL, 1997, p.121). Braga (2010, p.280) afirma que:

[...] a escola pode deixar de ser um espaço de opressão e repressão na questão da sexualidade, para se tornar um ambiente efetivamente seguro, livre e educativo para todas as pessoas. E, hoje não é mais possível que as questões relativas à sexualidade passem despercebidas ou que sejam tratadas com deboche ou indignação moral. E os/as pedagogos têm um importante papel nesse sentido.

É claro que quando a instituição de ensino opta por trabalhar o tema sexualidade, ela deve informar os familiares, segundo o Parâmetro Curricular Nacional

O trabalho de Orientação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação (BRASIL, 2000, v.10, p. 85).

Com a mudança na sociedade onde crianças convivem com pais adotivos, mães que fazem papel do pai, separação de pais, agregados, diferentes famílias constroem suas histórias e desenvolvem crenças e valores, certamente muito diversos, embora possam receber influências sociais semelhantes. Compreender e respeitar essa diversidade e dialogar com ela enriquece a comunidade escolar e favorece o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos alunos.

6 CONCLUSÃO

O estudo sobre o tema sexualidade na educação infantil possibilita compreender a importância desse assunto. A partir do reconhecimento da creche como um local que auxilia no desenvolvimento cognitivo, social e que propicia a autonomia da criança reconhecendo os pequenos como parte importante da sociedade, novos temas surgem para serem trabalhados e discutidos.

A sexualidade na infância deve ser entendida como parte do desenvolvimento infantil. As dúvidas das crianças devem ser respondidas de forma clara e objetiva. A escola de educação infantil ao aderir a esse tema no currículo, deve comunicar aos pais, em palestras, reuniões informando sempre o que acontece com seus filhos e que demonstrações de afetos, curiosidades são normais de acordo com cada faixa etária e que toda conduta adotada pelo professor é devido à postura assumida pela escola.

Os profissionais que trabalham com essas crianças devem estar despidos de preconceitos para trabalhar com sexualidade em sala de aula, devem sempre ter um conhecimento mais profundo sobre o tema, se possível buscar uma formação sobre como trabalhar a sexualidade, para tomar medidas adequadas. Este trabalho com sexualidade envolve uma parceria entre família, escola e professores para melhor desenvolvimento das crianças. É dever da instituição e dos profissionais trabalhar a sexualidade nas creches, mas sempre levando em conta o desenvolvimento individual de cada criança.

Não compete à escola julgar certo ou errado a educação que cada família oferece. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias. Esperamos que este artigo possa contribuir com os futuros docentes que irão atuar junto à educação infantil e que, provavelmente, vivenciarão as situações descritas.

SEXUALITY IN CHILDHOOD: FAMILY, SCHOOL AND TEACHERS.

ABSTRACT

Sexuality is a subject little discussed among members of children education institutions. Sexuality is present in child's life as soon as they were born through breastfeeding with their mothers (KUPFER, 2007), and it's developed during growing process. Thus, this paper aims at identifying the way how Children Education Institutions should address the sexuality issue that takes part of children's life. How professionals who deal with children must be prepared to answer questionings that little children make, and also how they must talk to their families. The subject must be worked together with institutions, teachers and family. The method used was literature review that made it possible to understand that sexuality is part of children's development, and thus teachers must know more about this subject to answer about doubts children have according to their age. It was concluded that denying answering to children or even reprehending them is to instill in children the fear of returning to the subject and alerting them to distrust, arousing the prejudices that we experience daily in the treatment of children.

Keywords: Sexuality. Childhood. Teachers. Family.

REFERÊNCIAS

ARCARI, C. Guia do Professor: **Educação Sexual para crianças de 0 a 10 anos**. Cores, 2001. Disponível em: <<http://www.radiomargarida.org.br/wp-content/uploads/guiadoprofessor.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BICUDO, M. A. V.; SILVA JUNIOR, C. A. da. **Formação do educador**. São Paulo: Unesp, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1998. 2V.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. V.10.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 2000. V.10.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRAGA, E. R. M. Gênero, sexualidade e educação; questões pertinentes à Pedagogia. In: CARVALHO, E. J. G. de; FAUSTINO, R. C. **Educação e diversidade cultural**. Maringá: EDUEM, 2010.

FERREIRA, S. **Livro das famílias: conversando sobre a vida e sobre os filhos**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2005.

GTPOS; ABIA; ECOS. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia (da pré-escola ao 2º grau)**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, 1994.

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 2007.

LOPES, G.; MAIA, M. **Conversando com a criança sobre sexo**. São Paulo: Autêntica, 2001.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

NOVOA, A. **Os professores e sua formação**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ORTH, E. **Educação sexual da criança**. Petrópolis: Vozes, 1971.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

Recebido em 27 de janeiro de 2017.

Aceito em 21 de março de 2017.